

PODE NADAR MENSTRUADA? UMA ANÁLISE DISCURSIVA-CRÍTICA INTERSECCIONAL DE REAÇÕES SOCIODISCURSIVAS VERBAIS SOBRE TABUS MENSTRUAIS NONO TIK TOK.

DOI: 10.47677/gluks.v25i01.529

Recebido: 01/04/2025

Aprovado: 27/05/2025

GOMES, Maria Carmen Aires¹
CARVALHO, Alexandra Bittencourt²

RESUMO: Este texto tem como objetivo analisar discursiva-crítica e interseccionalmente, comentários digitais em um *post* do perfil *dicas_top24* do Tiktok, o qual discute o tabu existente no fato de não poder nadar quando pessoas estão menstruadas. Para isso, utilizamos os estudos de Carvalho (2024) e Gomes e Carvalho (2024) sobre a analítica discursiva-crítica interseccional em diálogo com teorias sociais decoloniais sobre a menstruação (Sala, 2020; Rea, 2019; Vasquez, 2022; Tarzibachi, 2017) e algumas considerações acerca da discussão promovida por Gomes, a partir dos estudos de Vasquez (2021), sobre a tecnologia discursiva dos tabus menstruais. Como método de análise, aplicamos as categorias de análise de comentários digitais de Gomes (2022b), as reações sociodiscursivas verbais, articuladas às categorias de análise do significado acional de Norman Fairclough (2003), as modalidades epistêmicas e deônticas, explanadas criticamente com as teorias sociais já mencionadas. Os resultados encontrados revelam uma disputa de saberes-poderes sobre a menstruação, em que os tabus são sustentados/articulados e desarticulados no momento em que as interações entre os/as participantes dialogam com as narrações e exposições que ora contribuem para a tecnologia discursiva dos tabus ora para os desmistificarem. As temáticas encontradas circulam entre relatos geracionais, principalmente entre avós, mães e filhas, exposições científicas e conhecimentos calcados nos construtos da física e da biologia, além de dialogar com o folclore nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Precariedade menstrual, Dignidade menstrual, Reações sociodiscursivas verbais, Análise de discurso crítica interseccional, Tecnologia discursiva do tabu menstrual.

¹Universidade de Brasília, PHD em Linguística, doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais, Professora Titular do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, da UnB. maria.carmen@unb.br

²Instituto Federal do Norte de Minas, doutora em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais, professora de Língua Portuguesa do Ensino Básico Técnico e Tecnológico do IFNMG- campus Almenara. alexandra.carvalho@ifnmg.edu.br

Introdução

Neste artigo, analisaremos comentários digitais produzidos em perfil da rede social Tik Tok acerca dos saberes-poderes sobre a menstruação, especificamente sobre a relação entre o fluxo menstrual e o banhar-se em águas, rios, mares, cachoeiras e chuveiros. Nosso objetivo é identificar e analisar como as pessoas reagem sociodiscursivamente ao tema e como, por meio de relatos e exposições, resgatam, sustentam e exploram os mitos, tabus e ordenamentos menstruais. Para a análise, usaremos a categoria analítica das Reações Sociodiscursivas Verbais desenvolvidas por Gomes (2022b), as pesquisas de Carvalho (2024) e Gomes e Carvalho (2024) sobre a analítica discursivo-crítica interseccional, em diálogo com os estudos críticos, decoloniais e interseccionais propostos por Carolina Vasquez (2022), com foco na resignificação das narrativas sobre a menstruação, que são operadas através da tecnologia do tabu menstrual.

Os saberes coloniais-modernos sobre a menstruação depreciam-na, a mantêm oculta, sigilosa, como se ela não fosse um processo biológico natural, cíclico, que, inclusive, recorda o corpo de sua capacidade de gerar vidas (Gomes, 2024). Uma das dimensões, informadas pelo Relatório UNFPA/UNICEF (2021, p. 11), que mais impede o acesso à dignidade menstrual, implicando o reforço da precariedade menstrual, é a “insuficiência ou incorreção nas informações sobre a saúde menstrual e autoconhecimento sobre o corpo e os ciclos menstruais”, em função, principalmente, da operacionalização do tabu, que ocorre por meio de mitos, ordenamentos e estigmas culturais. Por esse motivo, colocar em xeque comentários digitais, por meio da análise discursivo-crítica, que explicam a menstruação de maneira desinformativa e equivocada pode contribuir para a promoção da dignidade das pessoas que menstruam (Gomes, 2023; Gomes; Carvalho, 2025a) e, com isso, aumentar o acesso e a permanência dessas pessoas em contextos educacionais e do trabalho (Gomes; Carvalho, no prelo).

Investigar, pois, os discursos sobre a menstruação – e a precariedade menstrual – e explanar criticamente sobre o que está impedindo a promoção da dignidade menstrual, seja em ações de letramento em educação menstrual em escolas, seja pela coleta de dados produzidos em *posts* de redes sociais que compartilham ou transversalizam tal temática (Carvalho, 2024; Gomes; Carvalho, 2024; Gomes, 2024; Chouliaraki; Fairclough, 1999) permitem a politização da menstruação no debate público qualificado e também no contexto

acadêmico, possibilitando a implosão das colonialidades do saber, poder, ser e de gênero, o que vai ao encontro de diversos estudos, como os de Sala (2020), de Rea (2019) de Valdés Padilla (2017) de Vasquez (2022), de Tarzibachi (2017), Gomes (2023a; 2023b) e Gomes; Carvalho (2025a).

Algumas considerações sobre precariedade menstrual e a tecnologia discursiva do tabu menstrual

Os mitos, os tabus e os estigmas em torno da saúde menstrual ainda persistem na sociedade brasileira, fato este confirmado pela escassez de estudos e de obras que focalizam o tema em teses, dissertações e artigos acadêmicos, no contexto brasileiro. Contudo, em outros países da América Latina, já se percebe uma mobilização epistêmico-política em torno desse fenômeno tão multidimensional, complexo e interseccional, como, por exemplo, no México, na Colômbia e na Argentina, em que se desenvolvem não só ações menstrualistas, mas, também, eventos de letramento em educação menstrual em escolas. Para Rea (2019, p.87): “El cuerpo de la persona que menstrúa, se encuentra fragmentado por decretos de la ciencia y la cultura que mantienen en silencio los días de sangrado menstrual y parece que esa parte de la fisiología, no existiera porque no es nombrada.”³

Com o objetivo de ressignificar saberes sobre a menstruação, alinhamo-nos aos estudos de Sala (2020), Rea (2019), Vasquez (2022) e XXX (2023b), os quais refutam a reprodução do saber colonial sobre a menstruação e a explicam como um tipo de abjeção, justificando o tabu e a marginalização materializados no “desamparo social, político e estatal” (Cândido; Saliba, 2022, p. 3) que operam sobre as pessoas que menstruam. Para Sala (2020), práticas colonialistas tornaram a menstruação assunto doméstico, fazendo com que permaneça “fora da cena visual, olfativa e tátil do outro e de si mesmo” (Sala, 2020, p.3), cujos conhecimentos são transmitidos de mulheres às meninas cis, gerando não só um símbolo de marcador de gênero, mas também algo da esfera do privado e do parentesco.

É preciso, então, questionar tanto tabus, estigmas e mitos menstruais como informações científicas com viés moderno-colonial, incorreções e desinformações de forma a ressignificar, principalmente, narrativas cisheteronormativas sobre o corpo menstruante. Para

³ O corpo da pessoa que menstrua é fragmentado por decretos da ciência e da cultura que silenciam os dias de sangramento menstrual e parece que essa parte da fisiologia não existe porque não tem nome.

Carolina Vasquez (2022), é importante que façamos um trabalho de educação menstrual crítica e decolonial através de ações-transformacionais, por meio de experiências situadas no corpo, de forma a questionar, informar e dignificar. Consideramos, em nossos estudos sobre a precariedade menstrual, que o corpo menstruante é um corpo-território, já que corpos existem em lugares e, ao mesmo tempo, são lugares. Isso nos permite entender a maneira pela qual vivenciamos, significamos e experienciamos as opressões e os privilégios para tomarmos posicionalidades, o que também nos permite analisar a forma como a cultura é vivida e sob quais condições podemos sustentar certas relações de poder e não outras (Gomes, 2022a).

Dessa maneira, a teoria da experiência pode nos aproximar da interseccionalidade, pois as experiências nem sempre são diretas ou transparentes; é preciso, pois, muitas camadas para interpretá-las, pois estão inseridas em jogos de desconfiança onde são colocadas em xeque nas disputas discursivas. Como ser um corpo menstruante em um tempo sócio-histórico e em relações materiais de existência com as crenças, com as ideologias e com as relações de poder com outros corpos? Direcionamos, assim, o nosso olhar analítico para as experiências e as vivências desses corpos, para a forma como transitam por diferentes espaços e tempos em suas próprias histórias de vida e para a maneira pela qual operacionalizam discursivamente o tabu menstrual (Gomes, 2022a).

Neste artigo, apresentaremos algumas reflexões sobre como estamos pensando, no Projeto MEInstrução (Gomes, 2024), a operacionalização sociodiscursiva da tecnologia do tabu menstrual, tomando como ponto de partida os trabalhos desenvolvidos por Carolina Vasquez (2022), no campo da psicologia social. Para a educadora menstrual colombiana, ativista e pesquisadora, a tecnologia do tabu está ancorada nos mitos que se desenvolvem por meio de crenças, imposições/ordenamentos e estigmas, que são socialmente normalizados, através da ideia de *decência, de moralidade e de boas maneiras*.

Assim sendo, discutir tal tecnologia em termos discursivos faz com que possamos admitir que o tabu produz verdades e normas sociais por meio de ideias, de emoções e de sentimentos recorrentes, materializado em uma gama de textos que reforçam as relações entre vergonha-medo; crise higiênica-nojo; patologização-incapacidade e sexualidade-reprodução, entre outras. Essa operacionalização ocorre discursivamente da seguinte forma: *o tabu menstrual afeta as crenças, estas afetam emoções, que, por sua vez, afetam as ações que se convertem em normativas e verdades incontestes*. Isso nos leva a admitir que o tabu opera a

partir de *mitos menstruais* capazes de reforçar e sustentar crenças, gerando, dessa forma, imposições/ordenamentos, assim como estigmas menstruais.

As crenças, os mitos, os estigmas geram e sustentam opressões, submissões e exclusões de pessoas que menstruam, reforçam a culpa, o pudor e a vergonha, quando, por exemplo, a pessoa torna visível ao outro (principalmente, aquele que produz e reproduz o Sistema heteropatriarcal) o sangue ou mesmo a tecnologia menstrual (absorventes). A visibilidade do fluxo menstrual, das tecnologias ou mesmo das marcas do sangue nas roupas podem gerar, ao olhar do outro, comportamentos indesejáveis e imorais, afetando o pudor, a moralidade e a decência. Alguns dos mitos menstruais ancoram-se no *pudor*, que sustenta o recato, a discrição e a vergonha de exhibir o corpo; é o pudor que impedirá a pessoa de fazer algo moralmente indecente. No campo discursivo religioso, bíblico, o pudor preserva a intimidade da pessoa, fazendo com ela se recuse a mostrar aquilo que deve ficar escondido. *O pudor sustenta o silêncio*. Contrário a isso, uma vivência decolonizada de pessoas menstruantes levam em consideração que quanto menos pudor, mais poder temos sobre nossos corpos, enquanto mais pudor, menos poder.

Como podemos entender essa operacionalização discursiva do tabu menstrual relativo ao mito de que o fluxo menstrual para ou se reduz quando o corpo entra em contato com água, e por que isso é um mito e não uma informação cientificamente legitimada? Fisicamente, a própria água nunca fará o fluxo menstrual desaparecer, pois o que a pressão da água faz, ao redor da vagina, é neutralizar a força da gravidade que ajuda o fluxo menstrual ao sair do corpo da pessoa. A fluabilidade, conceito físico, explica isso: a força ascendente que um líquido exerce para combater o peso de um objeto, ou seja, a água tem muito mais resistência do que o ar, então ela pode neutralizar o sangue que sai da vagina, bloqueando a saída do fluxo. Além disso, no geral, as pessoas sangram apenas 60 mililitros (cerca de três a quatro colheres de sopa) durante cinco dias inteiros, então, certamente, a água não se tornaria um mar vermelho, como a menstruação é designada, muitas vezes.

Então, se há uma informação científica fisicamente para essa situação, por qual motivo ainda escutamos e lemos os enunciados: não pode entrar na piscina/mar/rio/cachoeira porque o fluxo pode sair na água ou porque o tubarão pode ser atraído pelo fluxo menstrual? São ordenamentos e imposições operados, sustentados e reproduzidos por pedagogias socioculturais e políticas, que ditam o que as pessoas menstruantes podem ou não fazer. São

crenças compartilhadas sociocognitivamente em seus grupos e comunidades socioculturais por meio de mitos e sustentadas como se fossem verdades incontestas.

Teun van Dijk (2011, p. 27), no campo dos estudos discursivos críticos, discutindo a relação entre conhecimento e discurso, afirma que

no passado, conhecimento científico era compartilhado, aceito e considerado conhecimento e pressuposto no discurso da comunidade de cientistas. Mais tarde, concluíram que essas crenças estavam, na realidade, equivocadas, que eram erros, preconceitos e superstições. Mas isso não quer dizer que estas crenças são funcionaram como conhecimentos, anteriormente.

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos inferir que, em algum momento da história, o mito reforçado por um ordenamento – que não se pode entrar na água ou que se o corpo menstruando entrar na água o fluxo para ou se reduz – pode ter sido considerado um conhecimento científico. Quando a pessoa “mergulha” na água, a pressão interrompe o fluxo menstrual momentaneamente. No entanto, se você rir, tossir, espirrar ou se mover, a pressão da água cairá rapidamente e conseqüentemente liberará uma pequena quantidade de sangue; isso significa que a quantidade de sangue liberada “é tão mínima que se diluirá pela água e será imperceptível”, conforme nos informa texto de divulgação científica do *site* da Pantys (2022, on-line).

Fato é que as crenças – e os mitos – são entendidos como verdadeiros, considerados como conhecimento e usados como tal na interação e nos discursos produzidos e sustentados dentro das comunidades de conhecimento. Nesse sentido, Teun van Dijk aponta que o conhecimento é relativo à comunidade, já que “o conhecimento compartilhado se pressupõe continuamente, e não se reafirma, porque os autores sabem que os leitores já dispõem desse conhecimento” (2011, p. 28). E pondera que “não só o conhecimento científico muda constantemente, mas também os padrões, os critérios ou as instituições usadas para avaliar e aceitar as crenças como conhecimento. Há algum tempo, esses critérios ou instituições eram os sacerdotes, a igreja ou a fé.” (2011, p. 28). Por esse motivo, muitos dos mitos menstruais foram produzidos e são sustentados até hoje por práticas religiosas, biomédicas, em comunidades que compartilham das mesmas crenças, ideologias e atitudes.

Conforme dito, tabus são sociodiscursivamente produzidos e circulados. Na seção seguinte, discutiremos categorias para a análise de tabus menstruais circulados em meios digitais.

As reações sociodiscursivas como categoria de análise para comentários digitais

O TikTok é considerado a sétima plataforma digital com mais usuários no mundo, segundo estudos, dentre os quatro que integram o conglomerado Meta: Facebook, Instagram, WhatsApp e Messenger, devido, principalmente, às ferramentas a que os/as/es usuários/as/es têm acesso. É a primeira plataforma originalmente chinesa a ter um alcance global, acarretando, inclusive, tensões geopolíticas entre a China e os Estados Unidos. O Tik Tok é uma plataforma digital, reconhecida pela divulgação e pelo compartilhamento de vídeos curtos com duração de até 10 minutos, usada, em princípio, e, principalmente, por adolescentes para fazerem suas dancinhas, *trends*, bem como compartilharem opiniões, atitudes, além de explorarem e construírem suas identidades.

Quanto à organização genérica e ao seu funcionamento textual-discursivo, os vídeos produzidos no TikTok são curtos, gravados em formato vertical e repletos de efeitos e filtros disponibilizados pela própria plataforma e/ou editados pelos usuários/as/es. Os termos de serviço do TikTok informam que se trata de “uma plataforma líder para criar e compartilhar vídeos curtos” e a sua missão é definida como “inspirar a criatividade e trazer alegria”. Dentre as ações, os/as/es usuários/as/es podem: (i) criar, publicar e compartilhar vídeos curtos; (ii) consumir o que foi publicado e compartilhado por outros/as/es usuários/as/es; (iii) curtir, comentar e responder os conteúdos publicados e (iv) interagir com as outras contas. Para Chagas e Stefano (2023), o Tik Tok recomenda conteúdos a partir de interesses e hábitos de navegação de cada usuário/a/e, sugestionados pelo algoritmo; isto é, a curadoria é feita de maneira automatizada. A experiência de navegação orienta-se por uma lógica denominada de *content push*, o que significa que a interação entre usuários/as/es e plataforma é mínima já que a plataforma entrega o conteúdo de forma proativa, sem a necessidade de que se procure.

O perfil analisado, neste texto, faz parte do *corpora* documental do projeto *Das condições epistemológicas, metodológicas e ontológicas para a elaboração de uma abordagem discursivo-crítica interseccional* (Gomes, 2022, PQ/CNPq). O perfil *dicas_top24*

tem 12,8 mil seguidores, com 72,5 mil curtidas, e descreve-se como um perfil que compartilha “dicas inteligentes, todos os dias”. O *post* analisado apresenta uma informação sobre o que acontece com o fluxo menstrual quando a pessoa nada. Com a legenda “O que acontece quando você nada durante a menstruação? #dicas#mulher#viral_video”, o *post*, multimodalmente, divulgou um vídeo curto com a imagem de uma seringa, em movimento, com um líquido vermelho sendo adicionado em um copo com água, na tentativa de fazer uma analogia com a situação descrita pela pergunta acima. O *post/reels* teve 10,5 mil curtidas, 75 comentários, 948 compartilhamentos e 471 usuários/as/es adicionaram-no como favoritos. Destes 75 comentários, coletamos apenas aqueles que não só produzem e sustentam, mas, também, de alguma forma, desmistificam os tabus menstruais.

Por que esse vídeo foi amplamente viralizado e acessado? Por que ele merece ser analisado e também os seus comentários/as suas reações? Qual a relação entre esse conteúdo/essa informação e a precariedade menstrual? Há um mito de que o fluxo menstrual para ou se reduz quando o corpo entra em contato com a água, e esse mito é operado sociodiscursivamente por meio de ordenamentos e de imposições socioculturais perpassados de maneira geracional em práticas sociais familiares, principalmente.

Neste texto, vamos, inicialmente, identificar as reações sociodiscursivas verbais (Gomes, 2022b), produzidas e instanciadas no espaço dos comentários, que é objeto central de nossas análises dos discursos digitais sobre a temática da menstruação. Marie Anne Paveau (2022, p. 98) define comentário digital como “um texto produzido pelos internautas na web a partir de um texto primeiro, em espaços próprios para a escrita”. Nesse sentido, o comentário é identificado como tal, o que prescreve, simultaneamente, sua relação e sua leitura em termos de gênero, e também de conteúdo. Nossa análise, focará principalmente no espaço comentário como um suporte para a produção das reações sociodiscursivas verbais e não verbais, ou seja, na forma como os/as/es usuários/as/es conversam, opinam, julgam e narram situações que já viveram. É interessante pensar que a maneira como as pessoas reagem, seja em relação ao conteúdo divulgado no texto/vídeo, seja em relação a algo que foi dito por outro/as/e usuário/a/e, não se encerram em si: as informações permanecem abertas; logo a “interação” pode continuar, já que as respostas serão ilimitadas, em função de outras relações espaciotemporais digitais. Em termos metodológicos, estamos dizendo que analisamos momentos sociodiscursivos nas práticas digitais. Observamos, também, em nossas análises,

que os primeiros comentários, com as reações sociodiscursivas verbais, geram um impacto semântico-discursivo e político no texto que foi postado, pois orientam a leitura dos/das/des usuários/as/es e podem inclusive influenciar os comentários dos/as/des outros/as/es pessoas ou levá-las a se identificarem com o que foi dito. Fato é que os comentários prolongam o alcance do texto, já que este está aberto às interpelações múltiplas e ilimitadas.

As reações sociodiscursivas verbais (RSV) são formas habituais de agir e interagir sociodiscursivamente em locais e tempos específicos, envolvendo corpo, atividades materiais e fenômenos mentais que se relacionam dialeticamente em um sistema de rede de práticas sociais, permitindo, então, para os objetivos deste artigo, que as questões sobre a menstruação possam ser problematizadas discursivamente. Para Gomes (2022b), as reações sociodiscursivas verbais são um tipo de categoria que nos possibilita analisar tanto as maneiras de representar quanto as de identificar a si e aos/às outros/as (Gomes, 2022a; Fairclough, 2003), já que, ao

assumir uma postura reativa frente aos assuntos e à opinião, à conduta e ao comportamento de participantes na interação seja com o texto, seja com outra pessoa, o/a leitor/a reativo/a estará disputando, além de relações de poder e controle, também relações éticas e morais (Gomes, 2022a, p.27).

As RSV são construções sociodiscursivas reativas cujos ângulos e cujas perspectivas discursivo-ideológicas são direcionados à fala de alguém, ao assunto do texto postado ou a temas marginais e tangenciais. As reações sociodiscursivas verbais podem ocorrer de três formas: (i) reações transacionais – interactantes e reatores/as comentam entre si assuntos e temas que podem ou não estar vinculados aos textos, estabelecendo a troca sociointerativa; (ii) reações não transacionais – interactante comenta (reage aos) assuntos noticiados nos textos jornalísticos, mas sem a troca sociointerativa; (iii) reações transacionais atitudinais – interactantes e reactantes reagem às trocas usando citações e falas não só do texto jornalístico, como às de outros/as participantes, de maneira atitudinal (Gomes, 2022a, p. 28-29).

Ao reagirem, as pessoas escolhem determinados léxicos, construções textuais e linguísticas, e não outros, e essas escolhas/exclusões são potencialmente abertas e político-ideológicas e, por isso, estão sujeitas à negociação e à mudança, pois os sentidos dependem não apenas do contexto (tempo/espaço), mas da posicionalidade dos corpos em

intersecção, dos valores e das crenças, além das atividades materiais (Gomes, 2022a). Considerando o sistema de avaliatividade desenvolvido por White (2004), Martin e White (2005), Martin e Rose (2009), os estudos de Eggins e Slade (1997) e a categoria da reação sociodiscursiva verbal – Gomes(2022b) propõe seis tipos de reações para a análise de comentários reativos no ambiente digital. São elas: a) reações sociodiscursivas verbais engajadas (refuta, contrapõe, concorda, endossa); b) reações sociodiscursivas verbais de condenação (julga moralmente comportamentos e condutas); c) reações sociodiscursivas de admiração (julga positivamente as condutas sociais); d) reações sociodiscursivas de crítica (julga negativamente as condutas sociais); e) reações sociodiscursivas de aprovação (elogia comportamentos e condutas morais); f) reações sociodiscursivas de apreciação (avalia qualidades estéticas). A seguir, analisaremos a nossa amostra discursiva considerando as informações apresentadas.

Operacionalização do tabu menstrual nas reações sociodiscursivas

Nossa análise parte de um texto audiovisual produzido e compartilhado pelo perfil *dicas_top24* do Tik Tok. É interessante a forma como o *post* interage com as pessoas que o acessam, construindo formas sociodiscursivas de identificação, ou seja, estilos, nos termos de Fairclough (2003). Ao usar a modalidade epistêmica, aquela que produz trocas de conhecimento, a pergunta “O que acontece quando você nada durante a menstruação?” faz com que o/a/e usuário/a se envolva com a verdade/o conhecimento que o enunciado promove. A modalidade epistêmica dialoga com a proposta de Gomes (2022b) no momento em que, para a autora, as informações do *post* inicial orientam a construção dos comentários acerca delas. Essa modalidade é acompanhada de um copo com água e uma seringa com líquido vermelho que simula o sangue menstrual.

Outra escolha lexicogramatical importante para essa troca epistêmica é o uso do pronome pessoal “você”, que filtra a postagem para os corpos menstruantes, ou seja, a informação seleciona para quem deve responder o questionamento. Uma questão importante para a analítica discursiva-crítica (Carvalho, 2024; Gomes; Carvalho, 2024) é a inserção do corpo para a análise, já que este é admitido como um dos momentos da prática social que internaliza e articula outros momentos não-discursivos e discursivos.

O vídeo continua com o líquido sendo derramado e manchando a água do copo com os dizeres “Você espera deixar um rastro de sangue para trás”. Esse momento do texto audiovisual representa a operacionalização da tecnologia discursiva do tabu, já que visibiliza o sangue, que, conforme Vásquez (2022), é uma das maneiras pelas quais o tabu sobre a menstruação se opera, pois quanto mais visível o sangue, maior é o pudor operado, levando à vergonha e ao julgamento moral das pessoas que menstruam. Aliás, esse é o maior argumento no qual se baseia o tabu de não poder nadar menstruada: a possibilidade de visibilidade tanto do fluxo menstrual quanto do absorvente usado.

O último momento do *post* é construído a partir de uma quebra de expectativa: “Mas aqui está o que realmente acontece”, com a seringa preenchida pelo líquido vermelho e o copo, com a água cristalina. A quebra de expectativa funciona como a ressignificação da narrativa do tabu, marcada lexicogramaticalmente por um operador argumentativo de oposição. O “mas” indica que, quando se nada menstruada, não acontece de deixar um rastro de sangue, ao contrário, o fluxo se contém de alguma maneira. Essa informação é modalizada por “realmente” engajando a veracidade da informação e construindo um comprometimento com a “verdade”, com o que seria a informação cientificamente legitimada.

A partir do *post*, *interacts* reagem e comentam acerca dele. A *interact* 1, de maneira não-transacional, endossa o conteúdo, em uma reação sociodiscursiva engajada:

REACT 1 (representada por um personagem de mangá): se não me engano, a pressão da água não deixa a menstruação descer (660 curtidas, 3 respostas)

A *interact*, em posição temática, modaliza a informação subsequente, “se não me engano”, de forma a dar uma incerteza da informação subsequente, “a pressão da água não deixa a menstruação descer”. Essa modalização pode ser uma maneira de criar um estilo (Fairclough, 2003) menos autoritário e eficiente em termos de engajamento, pois aproxima outras pessoas do conteúdo apresentado. Essa reação sociodiscursiva engajada articula sociodiscursivamente exposições que dialogam com saberes científicos (conhecimento específico da física, ao trazer uma categoria, a “pressão”), uma escolha reiterada quando pessoas mobilizam a ressignificação dos tabus e, nesse caso, em consequência, das narrativas

menstruais. Esse comentário possui uma alta concordância dos/das/des usuários/as/es com 660 curtidas e 3 respostas.

O comentário da *React 1* produziu três reações sociodiscursivas não-transacionais, mas analisaremos apenas duas, pois elas articulam a tecnologia discursiva do tabu:

REACT 2 (adolescente, mulher, branca): mas quando toma banho de chuveiro também não desce (emoji rindo com lágrima) (24 curtidas)

REACT 3 (jovem, mulher, branca): isso mesmo

REACT 4 (adulta, mulher, negra): sei não, e o sol quente na cbç (emoji rindo com os dentes trincando, emoji de lado e com a língua de fora, e dois emojis rindo com lágrima)

Ao conseguirmos identificar os corpos das interactantes, percebemos que são mulheres que interseccionam identidades de raça e geração. Na analítica discursiva-crítica (Carvalho, 2024; Gomes; Carvalho, 2024; Gomes; Carvalho, 2025), os corpos são um ponto fundamental, pois seus eixos identitários posicionam ao mesmo tempo que são posicionados de maneiras diferentes nas práticas sociodiscursivas, o que leva a discursos também distintos. Aqui, observamos uma questão interessante quando nos debruçamos sobre a análise acerca dasobre a menstruação: a geração é a dimensão identitária que mobiliza as narrativas, o que vai ao encontro do que Sala (2020) argumenta – o exercício de colonialidade sobre o ciclo menstrual coloniza o assunto como privado e de parentesco. Em outras palavras, o conhecimento sobre a menstruação é majoritariamente operacionalizado em casa, em trocas com as mães, tias as e os parentes, na maioria mulheres. Por isso, é importante destacarmos se os corpos são crianças, adolescentes, jovens, adultas ou idosas, porque a faixa etária é uma pista importante para a articulação, rearticulação ou desarticulação dos tabus.

Nesse contexto, a *interact 2*, uma adolescente branca, em uma reação sociodiscursiva transacional engajada, aparentemente refuta a informação da *react 2*. Ao trazer um relato do banho de chuveiro, ela parece discordar do embasamento científico, já que no momento do banho não teria a mesma pressão de quando corpos menstruantes nadam. Essa refutação é marcada pelo operador argumentativo de oposição, em posição temática: “*mas quando toma banho de chuveiro também não desce (emoji rindo com lágrima)*”. O que nos intriga nessa reação sociodiscursiva é o uso do *emoji*, que confere uma ambiguidade: esse *emoji* pode estar

funcionando como uma escolha de ironia, o que faria com que o efeito de sentido, *a priori*, de refutação funcionasse como endossamento. Nesse uso específico não há certeza de tal efeito.

A *interact 4*, uma adulta negra, no entanto, claramente utiliza o *emoji* como forma de ironia. Carvalho (2024), ao discutir sobre as escolhas decoloniais típicas das práticas sociodiscursivas de resistência e de reexistências, aquelas que combatem lógicas coloniais ao mesmo tempo em que inventam discursos outros, argumentam o potencial criativo e inventivo das ironias. Estas funcionam como elementos potentes de rearticulação e desarticulação de operações colonialistas, rumo a um projeto discursivo de decolonização. É o que acontece aqui: os *emojis* escolhidos fazem da reação sociodiscursiva um engajamento que endossa o argumento científico e desarticula o tabu de não nadar menstruada. Dessa forma, “sei não, e o sol quente na cbç” dialoga, interdiscursivamente, com outro tabu: o de que o sol quente aumenta o ciclo menstrual; e os *emojis* zombam desses conhecimentos/dessas crenças. Observamos que mulheres de gerações e raças diferentes contribuem para a ressignificação das narrativas menstruais, fazendo um movimento capaz de desarticular a tecnologia discursiva do tabu menstrual.

A *interactante 5*, uma jovem branca, utiliza-se da reação sociodiscursiva não-transacional, ou seja, dialoga com o conteúdo do *post*:

REACT 5 (jovem, mulher, branca): eu sempre nadava menstruada porém um dia minha mãe disse que não pode que o sangue vai pra cabeça (emoji com os olhos espantados) (109 curtidas, 15 respostas)

A *react* narra sua própria experiência que se transforma após um conhecimento repassado pela mãe, que constitui um tabu sobre a menstruação: o fato de não poder nadar menstruada porque “o sangue vai pra cabeça”. Esse relato é importante para analisarmos como a tecnologia discursiva do tabu age nos comportamentos e nas ações das pessoas que menstruam. Vásquez (2022), ao discutir o tabu menstrual, nos mostra como os significados negativos sobre o ciclo afetam a forma como os corpos menstruantes vivenciam suas experiências. Isso é demonstrado aqui: “eu sempre nadava menstruada”, demonstrando a liberdade do corpo menstruante que é cerceada logo após o tabu ser apreendido pela jovem.

Esse comentário orientou 3 reações sociodiscursivas transacionais que perpassam tabus menstruais:

REACT 7 (jovem, mulher, branca): minha mãe TB falava isso (emoji rindo com lágrima) e q não podia comer ovo, as ideia né (dois emoji rindo com lágrima) (6 curtidas)

REACT 12 (jovem, mulher, negra): minha avó quase foi de arrasta, pq ela foi tomar banho no rio e o sangue subiu para cabeça sim, passou dias mal com febre e tudo

REACT 17 (representada por uma imagem de uma boca feminina sedutora parcialmente maquiada com um batom vermelho): Minha falou isso qd eu tive minha filha não queria me deixar lavar o cabelo aí respondi que no hospital a enfermeira me deu banho dos pés a cabeça aí ela enloucou de vx dizendo que sobe pr cabeça kkkkkk

A *interact 7*, uma jovem branca, aciona uma reação sociodiscursiva engajada que refuta a concepção de não poder nadar menstruada ao relatar sua vivência com a mãe. Aqui, percebemos como as gerações mais novas rompem com os ciclos discursivos sobre a menstruação, ruptura esta materializada pelos *emojis* como forma de ironizar os conhecimentos perpassados pelas mulheres mais velhas da família. Ao utilizar o emoji rindo com lágrima, a *interact* lança mão de outra reação sociodiscursiva no momento em que julga negativamente o fato de a mãe também falar que o sangue vai para a cabeça quando nada, dialogando com outro tabu: “que não podia comer ovo”. Observamos como as modalidades epistêmicas (de troca de conhecimento) se articulam com modalidades deônticas (de ordenamento) (Fairclough, 2003) em “não podia”, realizando linguisticamente a relação entre o tabu e o cerceamento dos corpos menstruantes. Além dos *emojis*, como forma de desarticulação dessas inverdades, a *interact* ainda usa “as ideias né”, uma estrutura coloquial que invalida e ironiza as pessoas que acreditam nos tabus.

Nessa mesma esteira, a *react 17* também relata sua experiência, na qual a mãe fala sobre o tabu de não poder fazer algo menstruada porque o sangue sobe para a cabeça. No caso, dialoga esse tabu com outra prática social: a de lavar o cabelo. Percebemos, aqui, que há uma constância entre o ciclo menstrual e a água, que ainda não desenvolvemos no nosso projeto MEInstrução, mas que será um dos pontos a serem mapeados e analisados como uma temática da tecnologia discursiva do tabu.

Entretanto, a *react 12*, uma jovem negra, produz uma reação sociodiscursiva engajada que endossa o tabu: ela narra a história da avó que “quase foi de arrasta”, uma gíria que indica que quase morreu, causada por um banho de rio. No banho, “o sangue subiu para a cabeça, sim”. O uso do circunstanciador “sim” legitima a vivência da avó, engajando a verdade do

relato e a reprodução do tabu. Aqui, observamos como as gerações reproduzem as inverdades/os mitos/as crenças sobre o ciclo menstrual. Esse comentário orientou duas reações sociodiscursivas transacionais, reproduzidas a seguir:

REACT 13 respondendo *REACT 12* (jovem, mulher, branca): com certeza não foi por causa da menstruação, o útero e a vagina são estruturas com suas próprias vias de drenagem, fora que as valvas e esfíncteres desses órgão impedem que eles se misturem (4 curtidas)

REACT 13 respondendo *REACT 12*: pode ter sido muitas coisas, mas o que quero dizer é que é impossível o sangue menstrual correr para outro lugar

É interessante como a *interact 13*, uma jovem branca, constrói sua reação sociodiscursiva engajada e de refutação. Ela lança mão de exposições científicas para contrapor a narrativa de vivência relatada pela *interact 12*. No primeiro comentário, utiliza-se de uma linguagem cientificista, como “estruturas com suas próprias vias de drenagem”, “valvas e esfíncteres”, taxonomias da biologia, que podem diminuir o alcance de compreensão das pessoas que interagem nos comentários. Essas escolhas servem para desmistificar o tabu de que o sangue vai para a cabeça. Em um movimento típico da divulgação científica, que transforma o discurso científico em uma linguagem mais divulgativa, a *interact* parafraseia seus argumentos em “é impossível o sangue menstrual correr para outro lugar”. Essa escolha endossa a explicação biológica, democratiza o conhecimento e atua como uma maneira comumente usada para implodir a tecnologia discursiva do tabu: o uso de exposições com base nos discursos científicos.

Outra reação sociodiscursiva não-transacional é vista adiante:

REACT 43 (jovem, mulher, negra): Se nadar aqui no pará o boto vem e te pega, o sangue atrai o boto, assim dizia minha avó, sempre ela dizia com o alho no bolso pra espantar o boto

Aqui, podemos reafirmar como as gerações são eixos identitários importantes para analisar a tecnologia discursiva do tabu menstrual. Além disso, há um circunstanciador de lugar “no pará” que nos orienta para a produção de narrativas situadas territorialmente, reafirmando a noção de corpo-território. A avó da *interact* relata a relação entre o sangue menstrual, nadar em rio e os saberes folclóricos. De acordo com Mauês, (2006, p.8), ao

discutir sobre o simbolismo do boto na Amazônia: “a mulher menstruada deve evitar andar pelo rio, pois mulheres menstruadas sempre atraem a atenção dos botos. Caso isto não seja possível, levará sempre consigo um pedaço de alho, cujo cheiro tem a propriedade de ‘espantar’ o boto encantado”. O que podemos identificar, nesse momento discursivo, é que a avó da interactante utiliza-se do mito para construir um discurso que reitera tabus menstruais. Levando em consideração a importância dos mitos como forma de produção de saberes e de identidades, admitimos aqui o folclore como uma das facetas das tecnologias discursivas do tabu menstrual.

Considerações finais

Neste texto, nos propusemos a analisar como a tecnologia discursiva do tabu é produzida, operada e circulada em espaços digitais, mais precisamente, no Tik Tok. Discutir a precariedade menstrual significa, também, se debruçar sobre como ela é construída simbolicamente, a partir de discursos que circulam sobre ela. Por isso, mapear e analisar a maneira como os tabus operam na vida social nos permite compreender as maneiras de desmistificá-los.

Algumas escolhas discursivas, lexicogramaticais e semióticas podem ser inicialmente mapeadas: a disputa entre narrações e exposições; o uso de modalidades epistêmicas nas construções dos saberes articulado com modalidades deonticas de ordenamentos, que materializam discursivamente os tabus; o uso de *emojis* como escolha semiótica da ironia, funcionando como ressignificação narrativa ou até mesmo como escolha semiótica de reforço do tabu, além de interdiscursos que localizam a prática social estudada em uma rede de práticas sociais outras como os mitos folclóricos.

A precariedade menstrual impacta na saúde, na produtividade escolar, no acesso e na manutenção da vida escolar e acadêmica e também no desempenho no mercado de trabalho das pessoas que menstruam. É assim um fenômeno tão complexo e multidimensional que explicações, ou soluções, gerais ou universais, não poderão ser dadas, ou aceitas, porque sempre foram explicadas de determinadas formas, já que são muitos, e diversos, os contextos, as experiências e vivências dos corpos menstruantes. No entanto, é importante que

resignifiquemos as narrativas sobre a menstruação, colocando-a em evidência e qualificando o debate público sobre ela (Gomes, 2024; Gomes; Carvalho, 2025b).

Referências

CARVALHO, Alexandra Bittencourt. *O DISCURSO NA ENCRUZILHADA: propondo a análise de discurso crítica interseccional*. 2024. 211.f. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso) – POSLIN, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2024.

CÂNDIDO, Ana Carolina D'avanzo de Oliveira; SALIBA, Maurício Gonçalves. Interseccionalidade e a dignidade menstrual: um diálogo fundamental no combate às desigualdades. *Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas* [Recurso Eletrônico], Bebedouro, SP, v.10, n.3, set./dez. 2022. Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/47552>. Acesso em: 31 mar. 2025.

CHAGAS, Viktor; STEFANO, Luiza de Mello. Estratégias de uso do TikTok por políticos brasileiros. *Revista de Sociologia e Política*, v. 31, p. 0-22, 2023.

EGGINS, Suzanne; SLADE, Diana. *Analysing casual conversation*. Londres: Cassel, 1997.

GOMES, Maria Carmen Aires . Qual o estatuto do corpo em uma abordagem discursivo-crítica interseccional. In: TOMAZI, M.; RESENDE, V. (Org.). *Estudos do Discurso - Abordagens em Ciência Crítica*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2022a. p. 189-213 (v. 1).

GOMES, Maria Carmen Aires. Estudo das reações sociodiscursivas verbais em ambientes de interação virtual. In: RESENDE, V. M.; ARAÚJO, C. L. REGIS, J. F. S. (Orgs.). *Discurso, política e direitos: por uma análise de discurso comprometida*. Brasília: Editora UnB, 2022b.

GOMES, Maria Carmen Aires. Pobreza menstrual, discurso e identidade de gênero no contexto de pandemia COVID19. *Discurso & Sociedad*, v. 17(3), p. 530-551, 2023a.

GOMES, Maria Carmen Aires. Pobreza menstrual no Brasil: uma análise discursivo-crítica da cadeia de gêneros sobre o Projeto de Lei nº 4968, de 2019. In: SARTIN, Fabiola; CABRAL, Sara. (Orgs.). *Discurso(s) e Linguística Sistêmico-Funcional no Brasil*. 1. ed. São Paulo, SP: Mercado de Letras, 2023b. p. 150-170. (v. 1).

GOMES, Maria Carmen Aires; CARVALHO, Alexandra Bittencourt . Análisis Crítico Interseccional del Discurso: una propuesta em construccion. In: ALMANZA, Karen Myladis Cárdenas, et al. *ESTUDIOS DEL DISCURSO: política, violencia y crisis sanitarias*. 1. Ed. Campinas: Ponte, 2024. cap. 4, p.104-144.

GOMES, Maria Carmen Aires . MEInstruaÇÃO: eventos de letramento sobre menstruação, meio ambiente e ciência em escolas do Distrito Federal. *Participação*, [S. l.], v. 1, n. 42, p. 139–153, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/participacao/article/view/53719>. Acesso em: 2 dez. 2024

GOMES, Maria Carmen Aires; CARVALHO, Alexandra Bittencourt . Designações em disputa: das relações entre (de)colonialidade linguístico-discursiva, dignidade menstrual e práticas discursivas de resistência e reexistência. *Bakhtiniana*, Rev. Estud. Discurso, v. 20, n. 2, 2025a.

GOMES, Maria Carmen Aires; CARVALHO, Alexandra Bittencourt. Menstruação: o acróstico como potencial de mudança social em eventos de letramento de educação menstrual. In: SOARES, Leonardo Antonio; CARMO, Claudio Márcio (ors). *Perspectivas críticas do discurso: múltiplos olhares*. Pontes Editora, 2025b. cap.7, p. 127-123.

GOMES, Maria Carmen Aires; CARVALHO, Alexandra Bittencourt. CORPOS QUE MENSTRUAM NO TRABALHO: análise de comentários reativos digitais sobre licença menstrual no Instagram. *Revista Alfa*. (no prelo)

MARTIN, Jim; WHITE, Peter. ROSE, David. *Language of evaluation: appraisal in English*. [s.l.] Palgrave Macmillan, 2005.

MARTIN, Jim; ROSE, David. *Genre relations: mapping culture*. London: Equinox Publishing, 2009.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. O simbolismo e o boto na Amazônia: religiosidade, religião, identidade. *História oral*, v. 9, n. 1, 2006.

MENEGOTTO, Janaina. *Experiências menstruais de meninas adolescentes da periferia de Porto Alegre*. 2022. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

PANTYS. Menstruação desce na água? A pantys te ensina! Pantys, 03 mai. 2022. Disponível em:
https://www.pantys.com.br/blogs/pantys/menstruacao-desce-na-agua-a-pantys-te-explica?srsId=AfmBOorMRGNTrgjVljMEo1VnulxW0AiZhYuAPMnb39LbqKJqZg_1bJTT. Acesso em: 31 març. 2025.

PAVEAU, Marie Anne. *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

REA, Aurora *Ecofeminismos: prácticas, discursos y experiencias en torno a las alternativas menstruales, desde el Área Metropolitana de Guadalajara*. 2019. 280 f. Tese (Doutorado em Gestão e Economia) – Universidad de Guadalajara, Centro Universitario de Ciencias Económico Administrativa. Guadalajara, 2019.

SALA, Nuria Calafel. Menstruación decolonial. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 1, e57907, 2020.

TARZIBACHI, Eugenia. Cosa de mujeres: menstruación, género y poder. Buenos Aires: *Sudamericana*, 2017.

VAN DIJK, Teun. Por uma teoria da comunicação científica: discurso, conhecimento, contexto e compreensão da sociedade. In: GOMES, Maria Carmen Aires; CATALDI, Cristiane; MELO, Monica Santos Souza. *Estudos Discursivos em Foco: práticas de pesquisa em múltiplos olhares*. Viçosa, MG: Editora UFV, 2011.

VASQUEZ, Carolina Ramírez. *Educação Menstrual Emancipadora: uma via para interpelar a misoginia expressa no tabu menstrual*. Ensayo. Secretaría de las Mujeres de Alcaldía de Medellín, Medellín, Colômbia, 2022.

WHITE, Peter. Valoração – linguagem da avaliação e da perspectiva. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, v. 4, n. esp, p. 178-205, 2004.

ABSTRACT: This text aims to discursively-critically and intersectionally analyze digital comments on a post from the dicas_top24 Tiktok profile, which discusses the taboo that exists in the fact of not being able to swim when people are menstruating. To do so, we use the studies by XXXX (2024) and XXXXX (2024) on intersectional discursive-critical analysis in dialogue with decolonial social theories on menstruation (Sala, 2020; Rea, 2019; Vasquez, 2022; Tarzibachi, 2017) and some considerations on the discussion promoted by Gomes, based on the studies by Vasquez (2021), on the discursive technology of menstrual taboos. As a method of analysis, we applied the categories of digital comment analysis by XXXX (2022b), verbal sociodiscursive reactions, articulated with the categories of analysis of the actional meaning of Norman Fairclough (2003), epistemic and deontic modalities, critically explained with the social theories already mentioned. The results found reveal a dispute of knowledge-powers about menstruation, in which taboos are sustained/articulated and disarticulated at the moment in which the interactions between the participants dialogue with the narratives and expositions that are sometimes hidden for the discursive technology of the taboos and sometimes to demystify them. The themes discovered circulated between generational reports, mainly between grandmothers, mothers and daughters, scientific expositions and knowledge calculated in the constructs of physics and biology, in addition to dialoguing with national folklore based on the constructs of physics and biology, as well as dialogue with national folklore.

KEYWORDS: Menstrual precariousness, Menstrual dignity, Verbal sociodiscursive reactions, Intersectional critical discourse analysis, Discursive technology of the menstrual taboo.